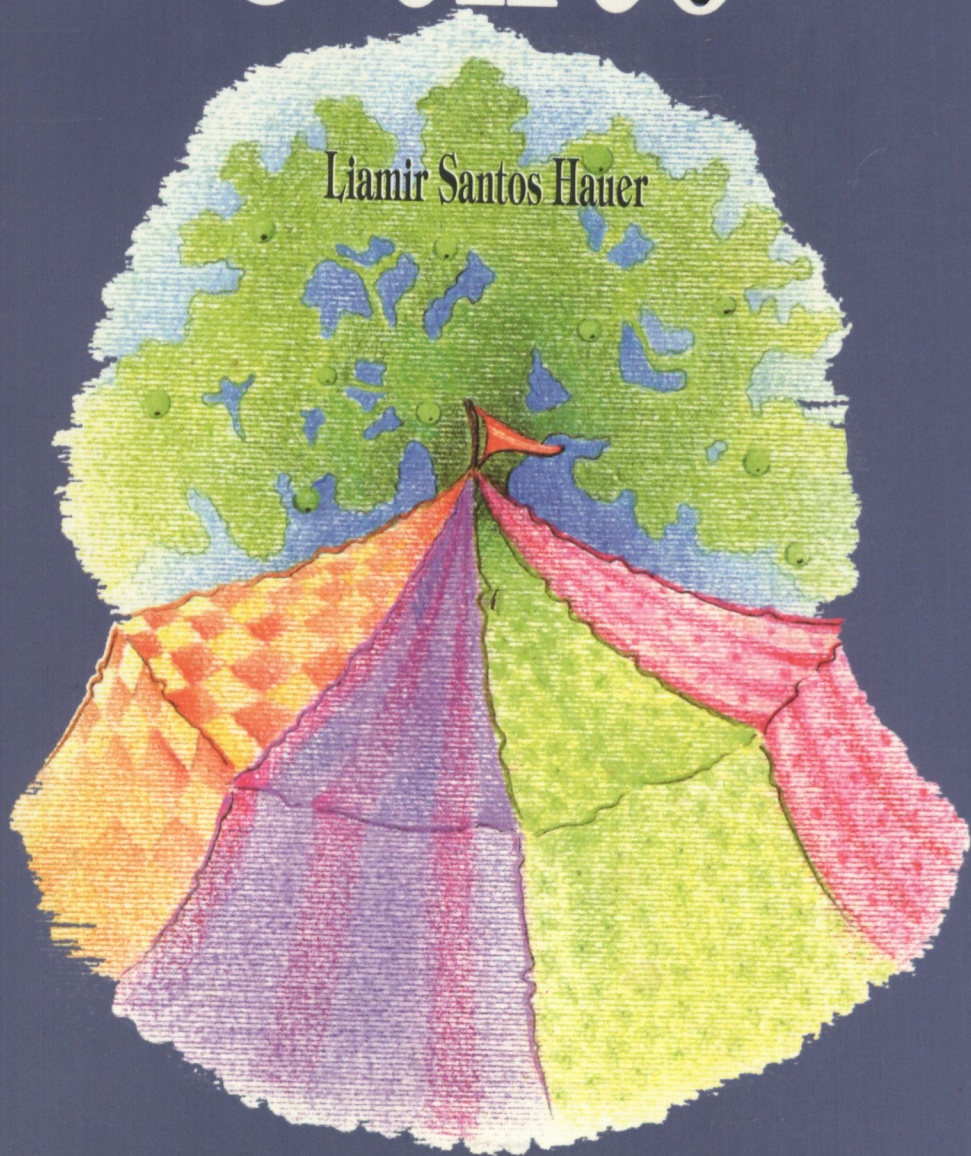


O circo

Liamir Santos Hauer



PEREGRINAÇÃO

Ao relembrar a infância com nossos pais e irmãos, na aprazível cidade litorânea de Paranaguá, a mim é impossível não compará-la com a da maioria das crianças de hoje, que moram nos centros agitados, expostas a tantos perigos. Muitas delas, vivendo em lares mal estruturados, sofrem a falta de cuidados, de alimentação, de afeto e de bom senso. Enfim, hoje as crianças crescem em ambientes de dissabores e incompreensão. Raramente chegam à maioridade com algo positivo a mostrar, isto sem falar na questão das drogas, às quais estão sujeitas prematuramente.

Aquilo que deveria ser natural, um lar bem formado como o nosso, veio à minha mente contrastando fortemente com a atual realidade. Tive vontade de reconstituir aquela época, registrando algumas impressões que por certo serão caras a toda a família e, por que não, aos amigos e contemporâneos que acompanharam a nossa trajetória ou vivenciaram os mesmos episódios pitorescos, antes que a memória me falte e fique tudo no esquecimento.

Para começar, nossa família parecia ainda à moda antiga, o que atualmente só em romances é possível encontrar. Nosso lar não tinha por base a riqueza material, mas valores que traduzem a sabedoria do bem-viver, como o desprendimento, o altruísmo, a solidariedade e, sobretudo, a compreensão reinante entre todos.

Em 1918, meus pais casaram-se e foram lecionar em Guarapuava, para onde mamãe foi nomeada e papai transferido, pois tendo se formado dois anos antes dela, já dava aulas em Prudentópolis, no Grupo Escolar Barão de Capanema, onde era

o diretor. Passaram a trabalhar juntos no Grupo Escolar Visconde de Guarapuava. Em outubro do mesmo ano, nasceu Liadar, a primeira filha, ocasião em que papai foi convidado a assumir a direção do Grupo Escolar Brasília Machado, em Antonina, para onde a família se transferiu. Ignoro o tempo exato em que ali permaneceram. Papai era diplomado em Contabilidade, para o que tinha grande talento. Foi então convidado pelo industrial Brasília de Araújo para assumir a escrituração mercantil da sua empresa, no comércio do café, em Curitiba. Assim, papai deixou o magistério e mamãe passou a lecionar no Grupo Escolar Professor Cleto, até o meu nascimento, em nove de fevereiro de 1923. Novamente o espírito aventureiro de meu pai não resistiu a um novo aceno. O tabelião de Prudentópolis, do qual talvez por uma razão subconsciente não consigo recordar o nome, ofereceu-lhe o seu cartório. Papai, naquela eterna boa-fé, não titubeou. Reuniu todas as economias, que não eram poucas, para a realização do negócio, sem contar com o fato de que para exercer a função de cartorário dependeria de nomeação oficial. O sonho de ser um autônomo como sempre desejou ruiu, assim como as suas finanças. A essa altura, já havia nascido Dario (Daio), primeiro filho homem e o único lucro naquelas plagas.

Mamãe, já com três crianças, havia se demitido do Estado, pois o cartório, enquanto ali permaneceram, deu um lucro satisfatório, do qual puderam usufruir.

Voltaram então a Curitiba, e papai retornou ao seu antigo posto. Por causa de sua eficiência, foi recebido de braços abertos pelo senhor Brasília e dona Zulmira, os quais batizaram o Daio, então com poucos dias de vida. Este e Brasilinho, filho do casal, que mais tarde morreria em trágico acidente aéreo, sempre foram grandes amigos. Nossa família permaneceu em Curitiba até 1926, quando nasceu Lialis, em vinte e oito de julho. Mamãe, que sempre tivera a sensação de sobrevivente de um naufrágio, agora que se sentia em terra firme, cercada e amparada pelas famílias dela e de papai, mal poderia imaginar que o espírito cigano do marido estivesse prestes a ser novamente tentado.

O convite chegou de um antigo colega de infância de São Paulo, onde papai passara uma temporada, com seu tio Eugênio. O amigo, Sebastião Corain, que desde os bancos escolares



1918

Grupo Escolar Visconde de Guarapuava. Primeira janela: Virgínia de Souza; segunda janela: Pompília Lopes dos Santos e Mathilde Däer; terceira janela: Dario Nogueira Santos e Arthur Victorino Passos (diretor).



1920

Dario e Pompília, com Liadar ao colo.



1924

Pompília com Daio ao colo,
Liadar, Dario e Liamir.

admirava a inteligência, vivacidade e desenvoltura de papai, realçava seu grande tirocínio, dizendo:

– Dario, você não deveria morar em uma cidade tão acaanhada como Curitiba. Sua visão e tarimba devem ser aproveitadas em uma capital como São Paulo.

Em suma, ofereceu-lhe sociedade em sua firma comercial, especializada em vendas de terrenos e construções em geral. Dessa feita, papai vendeu a casa em que residiam, à rua Ratcliff (hoje Westphalen), uns passos antes do casarão de seu pai, onde é hoje o hotel Presidente, para investir o capital na sociedade. Mais uma vez, a naufraga Pompília, ainda em convalescença, viu as velas alçarem, como em embarcação pirata, rumo ao desconhecido.

Assim chegou a família nômade à Paulicéia, com a caçula Lialis, recém-nascida, ao colo. Nossa casa, uma mansão no Morro dos Ingleses, foi previamente providenciada pelo sócio Corain, próxima à sua. Tínhamos empregadas, motorista e todas as mordomias conhecidas na época. Mamãe chegou a ganhar de papai, em seu aniversário, um belo Buick, que aceitou com a condição de jamais dirigi-lo, sendo apenas conduzida.

O padrão de vida devia ser elevado, pois nos finais de semana íamos de carro para Santos, levando também Tereza, nossa eficiente empregada.

Pela manhã, esta ia fazer as compras para o desjejum. Às vezes levava pela mão o Daio, que tinha apenas dois anos. Em uma dessas idas à panificadora, Daio viu uns pirulitos em forma de galinho que assobiavam e ficou ansioso por ter um. À primeira oportunidade, encontrando o portão aberto, saiu à rua, à procura da guloseima. Essa padaria abria e fechava muito cedo, em virtude da natureza dos artigos que vendia. Devido ao fato de a porta estar cerrada, ele não conseguiu encontrar o local procurado e foi seguindo em frente, buscando o objeto de seu desejo, sem perceber o quanto estava se afastando de casa. Ao chegar na esquina da avenida Brigadeiro Luiz Antônio, a mais movimentada do bairro, foi interpelado por um guarda, que preocupado ao ver um ser tão minúsculo no meio de tanta balbúrdia, perguntou o seu nome, ao que ele respondeu:

– Daio.

– E o nome de seu pai?